

Revista EDUCAmazônia - Educação Sociedade e Meio Ambiente, Humaitá, LAPESAM, GISREA/UFAM/CNPq/EDUA – ISSN 1983-3423 – Ano 4, Vol VII, nº 2, jul-dez, 2011, Pág. 92-109.

EMOCÕES NA AUTOFORMAÇÃO HUMANA DOS EDUCADORES: A ESCUTA CORPOGRÁFICA DE SI E DO OUTRO

Katia Brandão Cavalcanti *

RESUMO: O objetivo deste ensaio filosófico é refletir sobre a necessidade de uma epistemologia para a Autoformação Humana centrada na vida. Para desenvolver o processo reflexivo, usamos a categoria da imaginação com Bachelard e buscamos apoio do filósofo-poeta Nietzsche para a categoria vida, inclusive recorrendo a sua autobiografia. Música e dança dão um especial colorido estético à elaboração do texto. Concluímos a reflexão convidando os educadores a se envolverem na tarefa epistemológica e vivencial para o espetáculo dionisíaco da Autoformação Humana.

Palavras-chave: Autoformação humana. Corporeidade Vida

EMOTIONS IN THE EDUCATORS' HUMAN SELF-FORMATION: THE CORPOGRAPHICAL LISTENING OF THE SELF AND THE OTHER

ABSTRACT: The objective of this philosophical essay is to reflect about the necessity of an epistemology for the Human Self-Formation centered in the life. To develop the reflective process, we used the category of the imagination with Bachelard, and we searched support from Nietzsche for the life category, as well as appealing to its autobiography. Music and dance give a special aesthetic coloring to the elaboration of the text. We conclude the reflection inviting the educators to get involved with the epistemological and living task for the Dionysian spectacle of the Human Self-Formation

Keywords: Human self-formation. Corporeality. Life

* Prof. Pós-doutora no Programa de Pós-Graduação em Educação/Base de Pesquisa da Corporeidades (BACOR) da Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

[Escolha a data]

*Viver e não ter a vergonha de ser feliz
Cantar, e cantar, e cantar
A beleza de ser um eterno aprendiz.
Gonzaguinha*

Introdução

Viver para celebrar a vida! Viver para cantar e encantar-se com a beleza da vida! Educar celebrando a vida! Educar cantando e encantando-se com a beleza da vida!

Buscar sentido para a educação! Desafio desde há muito nas mãos dos educadores. Necessidade inadiável para a humanidade do terceiro milênio. A aventura da busca de sentido para a educação é a aventura para se cultivar a alegria de viver a vida nos mais diversos espaços educativos que possam existir no mundo. É preciso construir uma educação centrada na vivência humana que privilegie a emoção e o sentimento do viver, do alegrar-se com a vida, da felicidade de Ser vivo.

Como fazer brotar uma epistemologia para a educação centrada na emoção da vida, no sentimento de viver a vida? Como adubar cientificamente as sementes da vivência humana para poder florescer nos novos jardins da Educação? Somente sonhando com a beleza desses novos jardins floridos podemos vislumbrar novas formas de cuidado com terra para acolher as sementes da vivência humana nos espaços educativos que valorizam o pulsar da vida.

As grandes aventuras são imaginadas e realizadas por grandes sonhadores. O desejo de viajar nasce do desejo de imaginar. O desejo de partir nasce na inquietação da rotina do dia-a-dia. Nada é fixo para aquele que se movimenta entre o pensar e o sonhar. Assim, podemos afirmar com um grande epistemólogo-poeta que “a aventura que tende a descobrir o mundo, descobre ao mesmo tempo a intimidade humana. Tudo que é profundo no mundo e no homem tem o mesmo poder de revelação. A viagem é reveladora do viajante” (BACHELARD, 1986. p.110).

A imaginação vai muito além. Não apenas se limita a dar forma a imagens da realidade, mas “é a faculdade de formar imagens que ultrapassam a realidade, que *cantam a realidade*” (BACHELARD, 1997, p.18). Mais ainda: “A imaginação é uma faculdade de sobre-humanidade. [...] A imaginação inventa mais que coisas e dramas; inventa vida nova, inventa mente nova...”

Formar e deformar imagens fornecidas pela percepção, sobretudo, libertar-nos das primeiras imagens para podermos criar novas imagens, eis a função da imaginação. Se não há mudança de imagens, não há imaginação. Se uma imagem

[Escolha a data]

presente não faz pensar numa imagem ausente; se uma imagem casual não provoca uma multiplicidade de imagens extravagantes, exoticas, não ha imaginação. A vida da imaginação e o imaginario. Criando imagens, apresenta-se sempre como algo alem de suas imagens (BACHELARD, 2001).

A imaginação e uma viagem! A arte nos convida a viajar. As primeiras imagens apresentadas no convite a viagem representam a força que poe em movimento a imaginação. “A verdadeira viagem da imaginação e viagem ao país do imaginario, no proprio domínio do imaginario. [...] A imanencia do imaginario no real, e o trajeto *contínuo* do real ao imaginario. [...] No reino da imaginação, a toda imanencia se junta uma transcendência” (BACHELARD, 2001, p. 5-6).

Uma indagação e fundamental para se penetrar na imaginação de um poeta: “Diz-me qual e o teu infinito e eu saberei o sentido do teu universo: e o infinito do mar ou do ceu, e o infinito da terra profunda ou da fogueira?”.

No reino da imaginação, o infinito e a região em que a imaginação se afirma como imaginação pura, em que ela está livre e são, vencida e vitoriosa, orgulhosa e tremula. Então as imagens irrompem e se perdem, elevam-se e aniquilam-se em sua propria altura. Então se impoe o realismo da irrealidade. Compreendemos as figuras por sua transfiguração. A palavra e uma profecia. A imaginação e, assim, um alem psicológico. Ela assume o aspecto de um psiquismo precursor que projeta o seu ser (BACHELARD, 2001, p. 6).

Verticalizando um pouco mais com Bachelard, ressaltamos que “a imaginação e uma das formas da audácia humana”. e exatamente a audácia epistemológica para dar mais vida a educação a partir da propria autoformação vivencial dos educadores que nos impulsiona vislumbrarmos uma nova perspectiva para celebrarmos no dia 15 de outubro de 2015 cento e trinta anos do nascimento de Zaratustra para o mundo, no maior teatro da Terra, o Teatro da Vida. Estamos vivendo no Brasil aprendizagens de longo prazo com a Copa do Mundo de Futebol em 2014 e os Jogos Olímpicos de 2016 que estabelecem compromissos institucionais e governamentais inadiáveis. Por que não podemos assumir um compromisso tico e esttico com a mudança educacional no Brasil a partir da nossa propria autoformação humana? Nossa imaginação epistemológica viajou com Bachelard e Nietzsche e ousou fazer um convite aos educadores para uma grande aventura de autoconhecimento e autotranscendência para celebrar a vida. Como nos grandes eventos esportivos

internacionais, temos quatro anos para realizarmos a nossa preparação pessoal, subjetiva, vivencial, corporalizada. Temos tempo suficiente para construirmos novas escritas corporais, nossas corpografias que registram nossas memórias existenciais.

Para a abertura do evento transdisciplinar e transcultural de autoformação humana será apresentado o espetáculo *Assim Cantou e Dançou Zaratustra: Um Musical da Vida para a Vida*. O cerimonial dionisíaco anuncia a presença incorporal do grande homenageado da noite, o filósofo-poeta-educador Friedrich Wilhelm Nietzsche, o criador de Zaratustra.

Será uma noite perfeita! Dirão muitos... Ou, um dia perfeito! Diria Nietzsche. Quando celebrava os seus quarenta e quatro anos bem vividos, no dia 15 de outubro de 1888, Nietzsche dizia para o mundo: “Nesse dia perfeito em que tudo se sazona, não é somente a uva que se doura... um raio de sol caiu em minha vida: olhei dentro de mim, olhei para fora – nunca vi tantas e tão boas coisas de uma só vez”. O filósofo-poeta entusiasmado com os últimos escritos naquele ano, dizia que a vida que viveu até então se conservava e era imortal. Há uma declaração de amor a Zaratustra que revela o seu carinho especial pela obra:

Dentre toda a minha obra, ZARATUSTRA ocupa um lugar predileto. Com ele eu fiz à humanidade o mais valioso dos presentes que lhe seria dado fazer. Este livro, cuja voz triunfa e se propagará através dos séculos, não é somente o livro mais elevado que existe, o livro das culminâncias – todo o fenômeno ‘Homem’ jaz a imensa distância DEBAIXO dele –; é também o livro mais PROFUNDO que haja surgido do seio mais íntimo da Verdade; é um poço inesgotável, no qual não desce nenhum balde que não ascenda transbordante de ouro e de bondade (NIETZSCHE, 2004d, p. 33).

Celebrar a vida no Teatro da Vida! Nietzsche simboliza Vida. Zaratustra personifica um Hino à Vida. Para o filósofo-poeta, a sua obra Zaratustra deve ser considerada um musical, embora a regeneração da arte de ouvir não seja uma premissa necessária. Na primavera de 1881, num balneário próximo a Vicenza, Itália, juntamente com seu mestre e amigo Peter Gast fizeram uma descoberta: “A música-fênix voava diante de nós com asas mais ligeiras, finas e brilhantes do que nunca”. No verão seguinte, a primeira idéia foi escrita num pequeno pedaço de papel: “A seis mil pés sobre o nível do homem e do tempo”. Conta o filósofo-poeta como teve tal intuição: “Divagava, aquele dia, ao longo do lado de Silvaplana, em meio dos bosques; perto de

[Escolha a data]

um rochedo imponente que se erguia em pirâmide não longe do Surlei, estanquei. Ali, então tive essa idéia” (NIETZSCHE, 2004d, p.94).

No inverno de 1882, em Rapalo, próximo a Gênova, hospedado num albergue situado bem junto ao mar, tão perto que à noite, com a maré alta, era impossível dormir. Apesar disso, a situação demonstrava o acerto do filósofo-poeta de que “toda coisa decisiva surge ‘não-obstante’ as circunstâncias”. Pela manhã, subia a exuberante estrada até Zoagli, ao longo de uma floresta com vista para toda a imensidão do mar. Pela tarde, quando a disposição física permitia, caminhava por todo o Golfo de Santa Margherita. Considerava aquela paisagem um verdadeiro “recanto de felicidade”. Desses passeios, surgiu a concepção inicial de Zaratustra como tipo, ou como ele próprio diz: “fui por ele tomado de surpresa...” (NIETZSCHE, 2004d, p.96).

A vida da criação e a vida do criador são inseparáveis. Como dar mais vida à vida? Como fazer brotar a inspiração? Nietzsche relata assim a sua experiência pessoal de inspiração:

Por pequeno que seja o restante de superstição que permanece em nós, seria difícil afastar a idéia de que somos apenas encarnação, o porta-voz, os médiuns de potências superiores. [...] Sente-se, não se procura; toma-se, não se indaga quem dá; como um relâmpago, reluz súbito um pensamento, necessariamente assim sem hesitações na forma; eu nunca tive necessidade de fazer uma escolha. É um encantamento durante o qual a enorme tensão do ânimo sente às vezes o alívio de uma torrente de lágrimas, em nossas passadas, involuntariamente, ora se apressam, ora se retardam; é ficar completamente fora de si mesmo, com a percepção distinta de uma infinidade de estremecimentos tênues e delicados que repercutem até na ponta dos dedos; uma felicidade profunda, na qual a dor e o horror não agem por meio de contraste, mas sim como partes integrantes que são, indispensáveis, como uma nota de cor neste oceano luminoso; um instinto do ritmo, que compreende todo o mundo de formas; a extensão, a necessidade de um ritmo amplo é, quase, a medida para a potencialidade da inspiração, uma espécie de compensação da sua opressão e tensão. Tudo isso sucede de fato independentemente de nossa vontade, quase num torvelinho dos sentimentos de liberdade, de independência, de potestade, de divindade... (NIETZSCHE, 2004d, p. 98).

Em janeiro de 1882, após conceber inicialmente o personagem Zaratustra para a sua futura obra-prima, e estando envolvido com a criação do livro “*A Gaia Ciência*”, Nietzsche refletia sobre sua época em que todos se permitiam expressar os seus mais elevados desejos e pensamentos e então ele gostaria também de revelar o que mais desejava e qual tinha sido o primeiro pensamento a brotar do seu coração naquele

[Escolha a data]

início de ano. Pensamento que deveria tornar-se razão, garantindo a doçura de toda a existência que acreditava ainda ter, expressando-se assim: “Desejo aprender cada vez mais a ver o belo na necessidade das coisas: é assim que serei sempre daqueles que tornam as coisas belas. *Amor fati* (amor ao destino): seja assim, de agora em diante, o meu amor” (NIETZSCHE, 2004a, p.143). Explicava o seu pensamento, afirmando que não pretendia fazer guerra ao que fosse feio, nem acusar, mesmo os acusadores. Sua atitude implicava em desviar o olhar como única forma de negação. A partir daquele momento pretendia se tornar simplesmente “uma pessoa que diz Sim!”

Um filósofo, um poeta, um educador que disse sim à vida, que compôs um Hino à Vida, que concebeu sua obra-prima Zaratustra como um Musical da Vida para a Vida, tornou-se um símbolo extraordinário de autotranscendência, tendo demonstrado com a própria vida o profundo significado da sua “vontade de potência” (NIETZSCHE, 1983).

Nietzsche é um filósofo-poeta-educador da vida. O seu filosofar existencial sobre a vida humana não pode ser separado de uma compreensão da história, da cultura e da política (ANSELL-PEARSON, 1997, p.17), mas sob um novo paradigma estético. O ser humano ressurgiu como “obra de arte da vida”, contrapondo-se a “um logocentrismo dogmático do princípio da razão”, que o afastou da relação com o seu ser interior, ou seja, que o distanciou das profundezas da sua natureza (GUINSBURG, 2003, p.156). Para Nietzsche, “só como *fenômeno estético* podem a existência e o mundo *justificar-se* eternamente”. Sobre a essência da arte, expressava-se assim o filósofo-poeta:

Somente na medida em que o gênio, no ato da procriação artística, se funde com o artista primordial do mundo, é que ele sabe a respeito da perene essência da arte; pois naquele estado assemelha-se, miraculosamente, à estranha imagem do conto de fadas, que é capaz de revirar os olhos e contemplar-se a si mesma; agora ele é ao mesmo tempo sujeito e objeto, ao mesmo tempo poeta, ator e espectador (NIETZSCHE, 2003, p. 48).

Para Nietzsche, só uma revolução dionisíaca da existência humana na contemporaneidade faria emergir uma nova cultura do vivido, onde a arte retornaria às fontes do seu impulso metafísico, podendo “reassumir o seu papel no jogo estético da existência”, e o ser humano retomaria “o poder de vivenciar-se e mirar-se na plenitude de seu ser e seu devir”. A obra de arte do futuro deveria adquirir “o sentido de uma

totalização utópica da vida pela arte, com o espetáculo de sua celebração...” (GUINSBURG, 2003, p. 170-171).

“Humano, Demasiado Humano” não é apenas o título de uma obra filosófica de Nietzsche, mas simboliza a sua “vontade de potência” para a autotranscendência: “é o monumento comemorativo de uma crise”. Um livro dedicado aos “espíritos livres” (NIETZSCHE, 2000). Declara o filósofo-poeta que nunca foi mais feliz do que no período em que sua saúde esteve gravemente ameaçada por doenças. Só assim pôde compreender o retorno a si mesmo: “uma forma superior de cura! A outra cura foi uma consequência dessa” (NIETZSCHE, 2004d, p.89).

Um filósofo que passou e volta a passar por numerosos estados de saúde, passa igualmente por outras tantas filosofias: não pode fazer, de cada vez, outra coisa senão espiritualizar seu estado. [...] Viver é para nós transformar em luz e flama tudo aquilo que somos e também tudo aquilo que nos atinge; não podemos agir de outra maneira [...] Duvido que semelhante sofrimento nos aperfeiçoe... mas sei que nos torna mais profundos [...] Ainda lhe é possível amar a vida; apenas de modo diferente [...] Conhece-se uma felicidade nova... (NIETZSCHE, 2004a, p.16-17).

Da vida para a vida! Eis o princípio norteador para a aventura estética nos terrenos montanhosos da Autoformação Humana. Um convite aos educadores-poetas que desejam mais vida para as suas vidas, mais vida para a educação.

Imaginar e vivenciar as emoções mais profundas do ser no topo da montanha! É uma aventura para aqueles que sabem sonhar o sonho dos desbravadores. A metáfora da altura é por excelência uma metáfora axiomática. Aos educadores:

Não se pode dispensar o eixo vertical para exprimir os valores morais. Quando tivermos compreendido melhor a importância de uma física da poesia e de uma física da moral, chegaremos a esta convicção: toda valorização é verticalização. [...] É na viagem para cima que o *impulso vital* é o *impulso hominizante* (BACHELARD, 2001, p.11).

Nietzsche é o filósofo que bem representa o complexo da altura. Na dinâmica simbólica da ascensão, com muita naturalidade, o gênio une o pensamento à imaginação para produzir mais pensamento. Bachelard traz a expressão de Milosz, “Superior, ele sobrepua”, para reverenciá-lo: “Ele nos ajuda a sobrepua porque obedece com maravilhosa fidelidade à imaginação dinâmica da altura” (BACHELARD, 2001, p. 16-17).

[Escolha a data]

Subir a montanha para fazer avançar a *Autoformação Humana dos Educadores*. Montanha que simboliza transcendência, encontro cósmico entre o céu e a terra. Subida rumo ao desconhecido, ao inusitado. É preciso desapegar-se de idéias e sentimentos pesados. Escalar a montanha da epistemologia da vida pressupõe leveza de corpo e alma. Desejo de transmutar valores que envolvem o ser na sua totalidade.

A nossa imaginação nos conduziu ao topo da montanha. Apresentamos uma vivência transcultural hipotética: juntamente com outros educadores-desbravadores que se encontraram virtualmente nas Redes Sociais que buscam mudanças para o planeta e para a humanidade, estamos prontos para a tarefa epistemológica que aceitamos como desafio. De mãos dadas, olhando para o alto, procuramos vibrar a nossa mais pura essência humana, luminescente, buscando nos harmonizar como unidade que participa da totalidade universal. Ao anoitecer, percebemos algo muito brilhante no céu que se movimentava em direção ao topo da montanha. Lentamente, muito lentamente, e, tornando-se cada vez mais brilhante, aproximou-se definitivamente de nós, pousando suavemente sobre uma árvore frondosa que ali se erguia majestosamente. Como o vento que desfaz a nuvem, descortinava-se diante de nós a figura serena de um Mestre que anunciava ser Zaratustra, cento e vinte e cinco anos depois... E disse o Mestre para todos nós: “Vim atraído pela ‘vontade de potência’ daqueles que estão aqui. Daqueles que querem dar mais vida às suas vidas, e assim irradiar mais luz para a humanidade com o brilho de suas emoções e de seus sentimentos de amor  vida”. Todos se emocionaram e, com lágrimas nos olhos, prosseguiram ouvindo o Mestre atentamente:

Quando soube da homenagem que se pretende fazer a Nietzsche para celebrar os cento e trinta anos de publicação da sua obra-prima predileta, meditei sobre a idéia e decidi vir até aqui. Não por mim, nem por Nietzsche, mas por toda a humanidade. Tal proposta é uma grande metáfora que poderá sensibilizar educadores no mundo inteiro, independente de credo político ou religioso. É um momento importante para atualizar o texto à luz das novas descobertas científicas. Como se sabe, Nietzsche escreveu com sangue as suas obras e, talvez por isso, tenha provocado tanto desgaste  sua saúde. Se tivesse vivido um pouco além dos seus cinquenta e cinco anos, teria tido um pouco mais de conforto intelectual. As descobertas da lei da relatividade por Einstein; do princípio da indeterminação por Heisenberg; do princípio da conexão acausal por Pauli, entre outras, teriam lhes dado o suporte científico necessário para argumentar com profundidade sua concepção dionsaca do Ser, da Vida e do Mundo. No entanto, o mecanicismo ainda dominante, no final do Século XIX, não permitiu o fluir de uma compreensão mais aberta sobre a vida que fosse sintonizada com a própria dinâmica do universo em expansão. Mas, como já estamos no terceiro milnio, e com os estudos

[Escolha a data]

avançados em Neurociência, novas oportunidades se abrirão para uma compreensão mais espiritualizada da vida, com toda sua riqueza de emoções e sentimentos. Como sugestão para atualização do texto, procurem corporalizar os ensinamentos com base nos atuais princípios científicos. Como título para o musical dionisíaco na pós-modernidade, reflitam sobre essa idéia: “Assim Cantou e Dançou Zaratustra: Um Musical da Vida para a Vida”. Estarei de longe acompanhando os trabalhos e inspirando os educadores quando assim o desejarem... A tarefa é longa e árdua, à altura daqueles que assumem ser desbravadores... Muita paz no coração! (Zaratustra na pós-modernidade)

Os educadores-desbravadores empenhados na tarefa epistemológica para a Autoformação Humana têm agora uma bela metáfora para explorar e corporalizá-la: a poética da música e da dança. Novas corpografias serão criadas: cantadas e dançadas. Para Nietzsche, a música mantém uma relação profunda com “a verdadeira essência de todas as coisas”, representando “o metafísico para tudo o que é físico no mundo”, daí, podermos dizer que o mundo tanto é música corporalizada como vontade corporalizada (NIETZSCHE, 2003, p.99).

O impulso estético para a música e para a dança é da mesma natureza do impulso lúdico, ambos provêm da essência do Ser. Reafirmamos com Schiller que o Ser quando joga com toda a sua plenitude humana, joga com toda sua plenitude estética. Assim, ludicidade e beleza se unem na mesma totalidade do existir humano (SCHILLER, 1995, p.84). A escrita estética se corporaliza! Precisamos aprender a escutar o canto e dança da nossa alma que estão vivos no nosso corpo e na nossa corporeidade.

“É no jogo e pelo jogo que a civilização surge e se desenvolve”, já afirmava Huizinga no início do século passado. Sua indagação fundamental consistia em saber até que ponto “a própria cultura possui um caráter lúdico” (HUIZINGA, 1996, p. I-II). Para Huizinga, todas as formas de expressão poética estão intrinsecamente ligadas à estrutura do jogo (HUIZINGA, 1996, p. 177). “Toda atividade musical possui um caráter essencialmente lúdico”, devendo ser reconhecida como fonte de emoções humanas mais profundas e mais belas da vida. Se tudo que se relaciona à música está situado no interior do fenômeno da ludicidade, pode-se dizer que o mesmo ocorre com a dança. As relações entre jogo e dança são infinitas e profundas, podendo-se afirmar que a dança é uma forma “especialmente perfeita do próprio jogo” (HUIZINGA, 1996, p.184).

“*Assim Cantou e Dançou Zaratustra: Um Musical da Vida para a Vida*”, uma bela metáfora, um grande espetáculo para sensibilizar educadores para trazerem a vida para o centro da educação e para a sua autoformação humana. Na obra de Nietzsche, vida e educação estão intrinsecamente relacionadas. Não são os saberes disciplinares sobre a vida que irão propiciar aprendizagens sobre a vida, mas as próprias vivências da vida: “Lê a tua vida e entende nela os hieróglifos da vida universal” (NIETZSCHE, 1987, p.36). Aqueles que pensam sobre a vida como os filósofos, deveriam ser os mais importantes fomentadores da vida, da vontade da vida. Deveriam mostrar sua vida concretamente vivida como exemplo de sua filosofia. Assim, podemos afirmar com Nietzsche:

O valor de uma filosofia não reside na esfera do conhecimento, mas na vida; que a filosofia e a vida de um pensador deveriam ser apreciadas como apreciamos uma obra de arte, por sua beleza e por servir como modelo de uma “bela possibilidade de vida” (DIAS, 2003, p.114).

Educadores, tal como os filósofos de Nietzsche, deveriam se aprimorar na poética da vida para assim poder exhibir com a dignidade de um verdadeiro Mestre-Poeta sua obra de arte viva, corporalizada no existir humano. Para quem a vida dos pensadores deveria ser a sua mais autêntica obra-prima, o sangue de sua vida marcava toda a dança dos seus escritos. Quando apresentava a introdução da obra “A Gaia Ciência” ou “A Alegre Sabedoria”, ressaltava que alguém que não tivesse “vivido experiências semelhantes”, talvez não pudesse se sensibilizar através de prefácios com as “vivências” daquele livro. Poderíamos dizer que quem não vivenciou profundamente o sentimento estético e o sentimento lúdico, dificilmente entrará no jogo filosófico e poético proposto por Nietzsche:

Este livro na sua totalidade não é senão um divertimento sucedendo a uma longa privação e impotência; é o júbilo das forças renascentes, da fé em um amanhã e depois de amanhã, não é mais do que um repentino sentimento e pressentimento do futuro, de aventuras eminentes, de mares que se abrem de novo, de novidade e de objetivos permitidos novamente e também acreditados, objetos de uma fé renovada (NIETZSCHE, 2004d, p. 13).

Tomar Nietzsche como obra de arte, como exemplo, não significa pensar “*como*” ele, mas “*com*” ele (DIAS, 2003, p.115). “Educar os educadores! Mas os primeiros devem começar por se educar a si próprios. E é para esses que eu escrevo”

(Nietzsche, citado por DIAS, 2003, p.113). A educação dos educadores que é necessária na concepção nietzscheana é a educação das emoções e dos sentimentos, uma educação vivencial. Paulo Freire, Rubem Alves, Régis de Moraes e Cândida Moraes enfatizaram em várias obras a mudança de foco para a valorização do Ser (FREIRE, 1997, 2001, 2003; ALVES, 1994, 1999; MORAIS, 1988; MORAES, 2002, 2004, 2008). A autoformação do Ser através do lúdico, do lazer desde há muito vem sendo apontada como necessidade fundamental para todo ser humano, de um modo geral, e para especialmente para os educadores (DUMAZEDIER, 1975, 1994, 2002; TOTTA, 1975; CAVALCANTI, 1976, 1984; MARCELLINO, 1987, 1990; CAMARGO, 1986, 1998).

Aos educadores-desbravadores de uma Pedagogia Viva, Vivida, Vivencial: a primeira lição para corporalizar a “vontade de potência” deverá ser autoconhecimento e autotranscendência. Assim, cantem e dancem, ouvindo a música do seu coração até embriagar-se de emoção com as alegrias profundas do seu próprio Ser. Descubram por si mesmo que só é possível dar do que se tem no corpo e na alma. Dar mais vida à educação é dar de si. Somente o desejo de mais vida para si, de mais amor para si é capaz de corporalizar a energia amorosa do bem viver para expandi-la. Cantem, dancem, brinquem com a água, com a terra, com o ar, com o fogo, como se fosse um momento único de celebração. Aprendam a brincar com toda a intensidade da alma! Vivenciem o sentimento lúdico com a sua mais pura essência em liberdade! Vivam as alegrias da música e da dança como um verdadeiro sonho: “como se não existisse amanhã”... Deixem as teorias do lúdico para depois... (HUIZINGA, 1996; SCHILLER, 1995; CAILLOIS, 1967; DUVIGNAUD, 1997). Teorizar sobre a essência do sentimento lúdico, do sentimento estético sem ter vivenciado plenamente, esteticamente, as alegrias do jogo, dificilmente contribuirá para ampliar a compreensão e a força da ludicidade e da beleza que está corpografada em cada um.

Cantar e dançar a vida! A canção de Gonzaguinha e a dança de Isadora corporalizam a filosofia e a poesia de Nietzsche como uma estetização da “vontade de potência”. Embalemo-nos, pois, com Gonzaguinha, no fluir poético das nossas dúvidas sobre o existir humano:

[Escolha a data]

Há quem fale que a vida da gente é um nada no mundo
É uma gota, é um tempo
Que nem dá um segundo
Há quem fale que é um divino mistério profundo

Somos nós que fazemos a vida
Como der, ou puder, ou quiser

Dançar a vida é esculpir uma obra de arte viva sobre a própria vida. “A dança é um modo de existir”, e, Roger Garaudy, no seu elogio à dança como arte de viver, assim a reverencia: “Dançar é vivenciar e exprimir, com o máximo de intensidade, a relação do homem com a natureza, com a sociedade, com o futuro, com seus deuses [...] É participar do movimento cósmico” (GARAUDY, 1980, p.14). Isadora nos emociona com sua declaração de amor à vida e à dança:

Minha arte é precisamente um esforço para exprimir em gestos e movimentos a verdade de meu ser. [...] Desde o início, nada mais fiz do que dançar a minha vida. Criança, dançava a alegria espontânea dos seres em crescimento. Adolescente, dancei com uma alegria que se transformava em apreensão diante das correntes obscuras e trágicas... (DUNCAN, 1969, p. XIV).

Dançar a Filosofia! Como Isadora, Nietzsche fez o Mestre Zaratustra dançar a sua filosofia de vida para vida. Para quem a vida foi a própria dança da ousadia, Nietzsche é considerado o primeiro filósofo da dança, pois criou o espírito da dança (DUNCAN, 1969, p.284). Como poeta das culminâncias, a canção dedicada ao Mistral é um convite para se dançar nas alturas:

[Escolha a data]

Ao Mistral
(Canção para Dançar)

Ó ventre mistral, caçador de nuvens
Matador de melancolia, varredor do céu,
Ó como gosto de ti, vento que ruge!
Não somos um e outro
Primícias de um mesmo seio
À mesma sorte predestinados?

Aqui, pelos atalhos lisos dos rochedos
Que vou para ti dançando,
Pelos teus assobios e os teus cantos:
Tu que, sem navio e sem remos,
Te lanças para os mares selvagens,
Tu, o irmão mais livre da liberdade!

Dança agora sobre mil cristas,
Cristas das ondas, maliciosas ondas...
Bravo a quem cria novas danças!
Dancemos de mil maneiras,
E digam que a nossa arte... é livre,
E gaia... a nossa ciência!

Na nossa vivência imaginária de autoformação humana, a canção do vento continua vibrando... Vai vibrando cada vez mais intensamente, envolvendo o topo da montanha como se fosse uma nuvem prateada em espiral... Os educadores-desbravadores continuam dançando a dança da vida, de tal modo que entram em êxtase... Quando retornam da “aventura estética” no topo da montanha, relatam que tiveram experiências de fluxo, profundamente marcantes, como se tivessem tido sonhos nos quais distintos projetos de autoformação humana foram mostrados numa grande tela cósmica numa dimensão de consciência nunca antes vivenciada. Sentem-se menos angustiados, mais harmonizados e percebem com maior clareza o desafio do autoconhecimento e da autotranscendência para a tarefa educativa de uma Pedagogia Vivencial centrada na luminescência humana. A mudança que se pretende realizar deverá se iniciar por dentro de cada Educador e ser capaz de tocar outros corações, outras subjetividades pela emoção e pelo sentimento.

Como na obra *Assim Falou Zaratustra* (NIETZSCHE, 2004c), os educadores-desbravadores que já assumiram o compromisso com a autoformação

humana estão com as taças transbordando de alegria e felicidade, desejando compartilhar com outros educadores os saberes e os sentimentos das ciências e das artes que vivenciaram na montanha da *Epistemologia da Vida*. O espetáculo para celebrar os cento e trinta anos de Zaratustra foi concebido a partir dos princípios básicos da transdisciplinaridade. A proposta é sensibilizar instituições educativas de todo o mundo para propiciarem condições que valorizem a grande diversidade de processos de autoformação humana, de forma que possam apresentar neste grande evento mundial em 2015 as inovações que foram implantadas de modo sistemático e que fazem emergir as singularidades da cultural local e toda a heterogeneidade das corpografias humanas.

Celebração dionisíaca da vida! A produção do espetáculo *Assim Cantou e Dançou Zaratustra: Um Musical da Vida para a Vida* convida a nossa imaginação a viajar. Vamos fazer uma viagem às planícies distantes do nosso imaginário como se fossem os jardins, os campos, os bosques ou as florestas pintadas por Renoir. Como os impressionistas, a natureza é a nossa fonte de inspiração. Captar vida, luz e alegria é para Renoir “viver um momento mágico de comunhão com a natureza – como se um fluído invisível as ligasse, recriando aquele instante em que a luz e a cor são transportadas para a eternidade da obra de arte” (ABRIL CULTURAL, 1977, p.18).

A imaginação poética nas planícies floridas de Renoir nos faz vivenciar o sonho corporalizado do devaneio que envolve o ser por inteiro. Quando sonhamos o sonho dos poetas, ficamos encantados com as belezas da vida. Podemos dizer com Bachelard (1988) que “já no brilho de uma imagem encontramos uma iluminação” e mais ainda: “Uma flor nascida no devaneio poético é então o próprio ser do sonhador, seu ser florescente”. Adentrar ao centro de uma imagem tão radiante como a natureza em flor, só poderia nos impulsionar a imaginarmos dentro de uma grande flor que desabrocha formando um imenso palco que é acolhido por um vasto tapete florido a sua volta como se estivesse expandindo, irradiando a energia perfumada do sentimento estético.

Imaginamos a flor lilás para o palco da celebração dionisíaca, primeiro por ser a flor uma metáfora que utilizamos para o fenômeno da ludopoiese (CAVALCANTI, 2010); segundo porque o lilás é símbolo do equilíbrio corpo e alma. A flor simboliza o amor e a harmonia e o lilás a transmutação e o eterno retorno (CHEVALIER e GHEERBRANT, 2003).

[Escolha a data]

Para a celebração triunfal de Zaratustra com o Hino à Vida, a participação dos educadores-poetas é de fundamental importância para mostrar a adesão ao movimento de cultivo de uma Autoformação Humana centrada no desabrochar permanente da sua luminescência. Não basta conhecimentos e habilidades sobre as ciências da estética, é preciso sentimento que só pode ser construído a partir de emoções corporalizadas que falam a linguagem da alma (DAMÁSIO, 2000; 2004). Vivências de autoconhecimento e de autotranscendência contribuem para que os educadores-poetas adquiram a autoconfiança necessária para poderem mostrar com a própria vida um exemplo de Filosofia da Educação que valoriza a vida. Os educadores-poetas ainda precisam refletir um pouco mais sobre a vida, e, juntamente com Gonzaguinha podem indagar:

Mas e a vida? Ela é maravilha ou é sofrimento?
Ela é alegria ou lamento?
O que é? O que é, meu irmão?

Para afirmar a beleza incondicional da vida, trazemos Nietzsche que tão bem mostrou o seu encantamento pela vida apesar das circunstâncias adversas que o desafiaram a superar momentos difíceis com a sua “vontade de potência”:

O sofrimento é outra face da alegria,
Não se deve fugir à vida como pessimistas,
Mas, como alegres convivas de um banquete
Que desejam suas taças novamente cheias,
Dirão à vida: uma vez mais!

Brindemos, portanto, ao início dos nossos ensaios autoformativos para o espetáculo *Assim Cantou e Dançou Zaratustra: Um Musical da Vida para a Vida* que será apresentado no dia 15 de outubro de 2015, com uma gratidão toda especial àquele que nos ensinou a importância da leveza para a autotranscendência. Brindemos, pois, com o vinho tinto da vida, erguendo nossas taças e dizendo com Bachelard: “O vinho é realmente um *universal* que sabe tornar-se um *singular* quando encontra um filósofo que saiba bebê-lo” (BACHELARD, 1990, p.256).

Cantemos e dancemos o canto da embriaguez com Zaratustra para que possamos dizer: Vale a pena viver! Toda alegria quer a eternidade de todas as coisas! (NIETZSCHE, 2004c). E como otimistas, diremos Sim à Vida com Gonzaguinha:

Eu sei que a vida devia ser bem melhor e será
Mas isso não impede que eu repita
É bonita, é bonita e é bonita!

Referências

- ABRIL CULTURAL, *Mestres da pintura: Renoir*. São Paulo : Abril Cultural, 1977.
- ALVES, R. *Entre a ciência e a sapiência: o dilema da educação*. São Paulo : Loyola, 2003.
- _____. *A alegria de ensinar*. São Paulo : Ars Poética, 1994.
- ANSELL-PEARSON, K. *Nietzsche como pensador político: uma introdução*. Trad.: Mauro Gama, Cláudia Martinelli. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997
- BACHELARD, G. *A água e os sonhos: ensaio sobre a imaginação da matéria*. Trad: Antônio da Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- _____. *A formação do espírito científico: contribuição para uma psicanálise do conhecimento*. Trad: Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.
- _____. *A poética do devaneio*. Trad. Antônio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Pontes, 1988.
- _____. *A terra e os devaneios da vontade. ensaio sobre a imaginação das forças*. 2ª ed. Trad. Maria Ermanita Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- _____. *A terra e os devaneios do repouso: ensaio sobre as imagens da intimidade*. Trad. Paulo Neves da Silva. São Paulo: Martins Fontes, 1990.
- _____. *O ar e os sonhos: ensaio sobre a imaginação do movimento*. 2ª ed. Trad: Antônio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- _____. *O direito de sonhar*. 2ª col. Trad: José Américo Motta Pessanha; Jaqueline Raus, Maria Isabel Raposo. Maria Lúcia de Carvalho Monteiro. São Paulo: Difel, 1986.
- CAILLOIS, R. *Les jeux et les hommes. Lê masque et le vertige*. Paris : Gallimard, 1967.
- CAMARGO, L.O. *Educação para o lazer*. São Paulo : Moderna, 1998.
- _____. *O que é lazer*. São Paulo : Brasiliense, 1986.
- CAVALCANTI, K. *Esporte para todos: um discurso ideológico*. São Paulo : Ibrasa, 1984.
- _____. *O semilazer no trabalho do animador*. Monografia de Especialização. Porto Alegre : CELAR/PUC, 1976.
- _____. A teia da corporeidade e a galáxia dos sete saberes transdisciplinares: metáforas que reencantam educadores-pesquisadores. In. Katia Brandão Cavalcanti (Org.) *Pedagogia vivencial humanescente: para sentipensar os sete saberes na educação*. Curitiba: Editora CRV, 2010.
- CHEVALIER, J.; GHEERBRANT, A. *Dicionário de símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números*. 18ª ed. Trad.: Vera da Costa e Silva. Rio de Janeiro : José Olympio, 2003.
- DAMÁSIO, A. *Em busca de Espinosa: prazer e dor na ciência dos sentimentos*. Adaptação para o português do Brasil: Laura Teixeira Motta. São Paulo : Companhia das Letras, 2004.
- _____. *O sentimento de si: o corpo, a emoção e a neurobiologia da consciência*. 9ª ed. Lisboa : Europa-América, 2000.
- DIAS, R. M. *Nietzsche educador*. São Paulo: Scipione, 2003

- DUMAZEDIER, J. *A revolução cultural do tempo livre*. Trad.: Luiz Octávio de lima Camargo, Marília Ansarah. São Paulo : Nobel, 1994.
- _____. *Penser L'autoformation: société d'aujourd'hui et pratiques d'autoformation*. Paris : Chronique Sociale, 2002.
- _____. *Questionamento teórico do lazer*. Porto Alegre : PUC, 1975.
- DUNCAN, I. *Isadora: memórias de Isadora Duncan*. 8ª ed. Trad.: Gastão Cruis. Rio de Janeiro : José Olympio, 1969.
- DUVIGNAUD, J. *El juego del juego*. Bogotá : Fondo de Cultura Econômica, 1997.
- FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia. Saberes necessários à prática educativa*. Rio de Janeiro : Paz e Terra, 1997.
- _____. *Pedagogia da esperança. Um encontro com a pedagogia do oprimido*. 11ª ed. Rio de Janeiro : Paz e Terra, 2003.
- _____. *Pedagogia dos sonhos possíveis*. São Paulo : Unesp, 2001.
- GARAUDY, R. *Dançar a vida*. Trad.: Antônio Guimarães Filho, Glória Mariani. Rio de Janeiro : Nova Fronteira, 1980.
- GUINSBURG, J. Nietzsche no teatro. In: NIETZSCHE, F. *O nascimento da tragédia ou helenismo e pessimismo*. Trad.: J. Guinsburg. São Paulo : Companhia das Letras, 2003.
- HUIZINGA, J. *Homo ludens: o jogo como elemento da cultura*. 4ª ed. Trad.: João Paulo Monteiro. São Paulo : Perspectivas, 1996.
- MARCELLINO, N.C. *Lazer e Educação*. Campinas : Papyrus, 1987.
- _____. *Pedagogia da animação*. Campinas : Papyrus, 1990.
- MORAES, M.C. *O paradigma educacional emergente*. 8ª ed. Campinas: Papyrus, 2002.
- _____. *Pensamento eco-sistêmico: educação, aprendizagem e cidadania no século XXI*. Petrópolis/ RJ: Vozes, 2004.
- _____. *Ecologia dos saberes: complexidade, transdisciplinaridade e educação*. São Paulo: Antakarana/WHH-Willis Harman House, 2008.
- MORAIS, R. As carnes do espírito: educação dos sentidos, educação dos sentimentos. In: MORAIS, R. *Sala de aula: que espaço é esse?* 13ª ed. Campinas : Papyrus, 1988.
- NIETZSCHE, F. *A gaia ciência*. Trad: Jean Melville. São Paulo: Martin Claret, 2004a.
- _____. *Assim falou Zaratustra*. Trad. Alex Marins. São Paulo: Martin Claret, 2004 c.
- _____. *Ecce hommo: como cheguei a ser o que sou*. Trad: Pietro Nassetti. São Paulo: Martin Claret, 2004b.
- _____. *Humano, demasiado humano*. Trad: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- _____. *O nascimento da tragédia ou helenismo e pessimismo*. Trad: J. Guinsburg. São Paulo: Companhia de Letras, 2003.
- _____. Schopenhauer como educador. In: NIETZSCHE, F. *Obras incompletas*. Vol. II. Trad.: Rubens Rodrigues Torres Filho. São Paulo : Abril Cultural, 1987.
- _____. *Vontade de potência*. Trad.: Mário D. Ferreira Santos. Rio de janeiro: Tecnoprint, 1983.
- SCHILLER, F. *A educação estética do homem, numa série de cartas*. 3ª ed. Trad.: Roberto Schwartz, Márcio Suzuki. São Paulo: Iluminuras, 1995.
- TOTTA, Z. M. *Pedagogia para o lazer*. In: *I Encontro Nacional sobre o Lazer*. Rio de Janeiro : SESC, 1975.

Recebido em 20 de abril de 2011. Aceito em 30 de junho de 2011.

Katia Brandão Cavalcanti
Rua Valter Fernandes, 1935, Capim Macio
Natal/RN 59082-090
Telefone: 84 3642 2098 e 9981 1062
katiabrandao@terra.com.br